



# O século da Ásia

## Debate Geopolítica Eugénio Viassa Monteiro

**A**o ritmo a que crescem a Índia e a China, em menos de 30 anos serão o 2.º e o 1.º países em riqueza. Isto é muito animador, porque: a Índia foi dos países mais ricos e a China foi como o centro do mundo, o Império do Meio! Os dois ficaram reduzidos à nulidade, com a colonização, primeiro, e a estéril obsessão socialista, depois. Com incansável esforço estão a reencontrar-se consigo mesmas, com a sua identidade original.

As duas economias foram, de certo modo, complementares. A China é, com razão, considerada a “fábrica do mundo” e a Índia, o “back-office”. Nos últimos 15 anos têm desafiado as economias ocidentais a reorganizarem-se para poderem sobreviver. A sua eficiência, associada às grandes séries de produção para os mercados locais e à abundância de especialistas, dá-lhes insuperáveis vantagens, pelo que os países ricos se vêem obrigados a externalizar para eles muitos processos de negócio e a fabricação de produtos.

Apesar da complementaridade, os dois gigantes têm de aproveitar todas as oportunidades de criar trabalho, dada a sua enorme população. Assim, a Índia está a apostar em força na indústria, grande geradora de trabalho, para além dos serviços; e a China entra no campo da criação de conhecimento, de I&D, de *software*, para além da sua indústria.

Os dois países têm claro que só pela colaboração poderão assegurar a continuação do progresso. Não pela confrontação. Resolvendo pelo diálogo problemas antigos. As trocas comerciais entre eles, que até 2002 eram insignificantes, alcançaram 79.400 milhões de dólares em 2011. As mútuas visitas dos primeiros-ministros vão dando novos impulsos ao comércio e à redução de receios. Acompanham-se de amplas delegações de empresários que vão concretizando negócios. Apesar do esforço



por clarificar que China e a Índia querem ser parceiros na colaboração, subsistem desconfianças mútuas.

Há um crescente volume de investimentos cruzados e a multipolaridade de importações e exportações dos dois lados da fronteira vem reforçar a teia de interesses. Há fábrica de frigoríficos chineses Haier em Pune (Índia); a Huawei tem um centro de *software* e I&D em Bangalore e irá ter uma fábrica de telefones, com um investimento



**O triângulo Índia-China-Japão pode ser um poderoso estabilizador de toda a Ásia do Sul e Oriental**



de 500 milhões de dólares; a Infosys, a TCS e a Wipro, indianas, têm vastas operações de TI na China; produtos farmacêuticos indianos vão ter menos restrições de venda na China, variadas matérias-primas e produtos acabados fluem de um lado para o outro.

Um bom entendimento mútuo não é ameaça para terceiros. É, antes, base de estabilidade e de crescimento nessa zona da sua influência a refazer-se da desorganização e do deapauperamento dos tempos coloniais e da Guerra Fria.

O anterior Presidente da República da Índia, cientista de misseis, Abdul Kalam, dizia que a Índia se devia “afirmar como potência, porque a força só respeita a força”. Não para se usar dela, mas para dissuadir da tentação de agredir: os dois países têm vindo a dedicar significativos orçamentos à defesa, pois o passado ensinou-lhes o custo de não o terem feito.

A Índia, melhor, os reinos que a constituíam, tiveram lutas entre si, mas nunca invadiram outros países fora da península. Povos da Europa têm o passado recheado de ocupações e dominação.

O Japão tem avultados investimentos na China e na Índia e disponibilizou empréstimos em boas condições para as infra-estruturas indianas. Esta aproximação tem a sua razão de ser: a Índia dá-lhe o conforto da amizade e vê-la prosperar aumenta a sua segurança. O triângulo Índia-China-Japão pode ser um poderoso estabilizador de toda a Ásia do Sul e Oriental, como que uma rede de suporte ao desenvolvimento dos países integrantes, por via de um intenso comércio, de investimentos cruzados e transferências de tecnologia.

**Professor da AESE**  
 Autor do livro *O Despertar da Índia*